

VIVENDO ENTRE A SEGURANÇA E O RISCO: IMPLICAÇÕES À SAÚDE DO POLICIAL MILITAR

Rosane Teresinha Fontana*
Gisele Domingues de Mattos**

RESUMO

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, realizado no primeiro semestre de 2012, com 12 policiais militares de um Batalhão de Polícia Militar de uma capital da região sul brasileira que teve como objetivo investigar os riscos ocupacionais, sob o ponto de vista dos trabalhadores. Os dados foram coletados mediante entrevistas e analisados por meio da análise temática. A pesquisa respeitou a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. A violência física, a transmissão de doenças pelo contato com sangue e os acidentes foram os principais riscos identificados. A maioria referiu usar Equipamentos de Proteção Individual para a proteção à saúde. A maior satisfação da atividade envolve o reconhecimento da comunidade pelo serviço prestado. Cogestão dos problemas cotidianos e educação permanente em saúde podem ser alternativas de protagonismo que podem contribuir para a prevenção de agravos e promoção da saúde dos policiais militares.

Palavras-chave: Polícia. Condições de Trabalho. Saúde do Trabalhador. Riscos Ocupacionais.

INTRODUÇÃO

O processo de trabalho dos policiais civis, no âmbito da segurança pública, é visto, no geral, apenas do ponto de vista técnico, desconsiderando a pessoa do policial⁽¹⁾, constantemente exposto à violência de natureza física e mental. Além disso, prescrições, punições e recompensas, características da organização do seu trabalho, alicerçado na hierarquia e disciplina, “incidem diretamente na execução do trabalho, nas relações que se estabelecem entre os policiais e também, de forma mais ampla, aos princípios que devem pautar a conduta destes, mesmo fora do ambiente de trabalho”^(2:365), fatos que podem configurar-se como fatores de estresse, pois envolvem sanções disciplinares de leves a graves.

De acordo com estudo realizado no Rio de Janeiro, as corporações policiais se destacam pela pesada carga de trabalho e sofrimento, ocasionando desgaste físico e mental⁽³⁾. Estudos internacionais demonstram que atividades de policiamento estão associadas a distúrbios do sono, incorrendo em condução perigosa de veículos, sentimentos de raiva descontrolada, erros administrativos, violação da segurança

atribuída à fadiga e ao absenteísmo⁽⁴⁾, e a exposição crônica à tragédia humana pode colocar os policiais em risco, especialmente aos transtornos de saúde mental, tais como estresse, além de um potencial risco para abuso de álcool ou drogas⁽⁵⁾.

Oportuno neste contexto é uma reflexão sobre os dados apontados em um estudo que avaliou a qualidade de vida de policiais civis. Por dificuldades de comparação a outros estudos sobre o tema com policiais, devido à escassez de pesquisas, foi comparado a outros grupos distintos em termos etários, socioeconômicos e culturais, verificando-se que os policiais se encontram com melhor qualidade de vida no que se refere aos domínios físico e psicológico do que os grupos de idosos e pacientes deprimidos estudados. No entanto, esses agentes da segurança apresentaram piores condições do que idosos de comunidade de baixa renda e pacientes deprimidos em relação aos domínios das relações sociais e do seu ambiente, o que reflete as dificuldades que têm nos relacionamentos interpessoais⁽¹⁾.

Além disso, há deficiências no processo de formação, considerando que os programas de treinamento não capacitam os profissionais de segurança pública a interagir segundo a expectativa de uma sociedade democrática na

* Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Santo Ângelo, RS, BR. E-mail: rfontana@urisan.tche.br

** Enfermeira. Especialista em Saúde Pública. Especialista em Emergência. Enfermeira na Secretaria Municipal de Saúde de Dois Irmãos, RS e na Secretaria Municipal de Saúde de Lindolfo Collor, RS. E-mail: gy.domingues@hotmail.com

qual o policial deve ser proativo, pautando sua atuação na resolução de problemas; há deficiências de referenciais teóricos no programa de treinamento, o que gera insegurança nos formandos para atuarem de forma eficiente no serviço policial⁽⁶⁾.

Posto isso, acredita-se que o policial militar (PM) é uma categoria profissional vulnerável a riscos à sua integridade física e psíquica⁽²⁾; esta última, associada à forma de organização do trabalho, além de que a atribuição histórica da sociedade aos rótulos de heróis ou vilões gera desconforto a esses sujeitos, embora existam iniciativas que visam mudar a óptica cultural, transformando o conceito de uma organização com uma imagem de agressividade e repressão para outra que se coloca a serviço da comunidade, de caráter mais preventivo e educativo⁽⁸⁾.

A relevância do estudo está na potência que as investigações, agregadas à perspectiva de quem pratica o trabalho, tem para qualificá-las, considerando sua importância como protagonista da atividade. O 'empoderamento' do trabalhador se constitui na medida em que o sujeito é participante no processo de identificação de riscos e na gestão da transformação desse cotidiano, pois na vivência do trabalho materializam-se riscos em seus corpos, seja por acidente de trabalho ou por doença ocupacional⁽⁷⁾. Diante disso, pergunta-se: a que agentes de risco ocupacional se expõem os policiais militares de acordo com a sua perspectiva?

A pesquisa se justifica, ainda, quando pretende construir conhecimentos para a promoção da saúde do trabalhador dessas organizações. Entende-se que enriquecer o arcabouço teórico e prático, a partir de um olhar crítico e reflexivo sobre os ambientes de trabalho, sua estrutura e organização, agrega valor à área do conhecimento que envolve a Enfermagem do Trabalho e/ou a Saúde do Trabalhador.

O objetivo geral deste estudo foi investigar a exposição aos riscos ocupacionais na atividade dos policiais militares, sob o ponto de vista dos trabalhadores.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo de abordagem qualitativa. Os dados

foram coletados com os policiais militares de um Batalhão de Polícia Militar de uma capital da região sul brasileira. A coleta foi realizada no primeiro semestre de 2012, mediante entrevistas semiestruturadas, utilizando-se um instrumento com perguntas elaboradas pelos pesquisadores, que versava sobre condições de trabalho e riscos ocupacionais, tais como principais fatores responsáveis por insatisfações e satisfações na atividade, agentes causadores de exposição a riscos ocupacionais, adoecimento e sofrimento decorrente do trabalho, sua contribuição para a prevenção desses agravos e preparo para ações de primeiros socorros.

Os critérios para participação no estudo foram: ser formado no Curso Básico de Formação Policial Militar (CDFPM), ser soldado ativo e exercer atividades de policiamento ostensivo. Optou-se por escolher os soldados, uma vez que na escala hierárquica trabalham sob a subordinação e têm a incumbência de garantir a manutenção e o cumprimento do trabalho prescrito. Acredita-se que o modo de organização do trabalho militar baseado na disciplina, hierarquia e subalternidade contenha insatisfações acerca das condições e formas de trabalho.

O registro das informações se efetivou mediante a utilização de gravador, sendo as mesmas transcritas e analisadas segundo a metodologia da análise temática⁽⁹⁾, respeitando-se o nível de linguagem utilizado pelos entrevistados. Procedeu-se à pré-análise, análise e tratamento do material, confrontando-se à literatura disponível. A categorização escolhida foi a semântica⁽⁹⁾. Da análise do material, obtiveram-se as seguintes categorias: faces e interfaces da (in)satisfação do trabalho do policial militar; riscos ocupacionais e adoecimento na atividade do policial militar; a prevenção de agravos e promoção da saúde.

Aos participantes da pesquisa, foi solicitado assinatura de um Termo de Consentimento Informado Livre e Esclarecido. Os participantes foram identificados com a letra E seguida de um número arábico. A pesquisa respeitou os preceitos da Resolução 466/12, que regulamenta a pesquisa em seres humanos, e foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões sob o protocolo nº 134-4/PPH/11. Ao capitão da instituição foi solicitado autorização ao estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Participaram do estudo 12 policiais militares, com idades entre 22 e 25 anos, de um universo de 30. Todos foram convidados, porém alguns se recusaram a participar, por motivos não revelados. Dentre os entrevistados, 75% trabalham há 2 anos e 5 meses, o que corresponde ao tempo decorrido do último Curso Básico de Formação de Policial Militar.

FACES E INTERFACES DA (IN)SATISFAÇÃO DO TRABALHO DO POLICIAL MILITAR

Mais da metade dos sujeitos referiram insatisfação no trabalho, cujos motivos abarcam lacunas de ordem social e organizacional que envolvem a atividade, tais como o grande aumento da criminalidade, as falhas da justiça, alguma incompreensão por parte da comunidade quanto às deficiências no atendimento às demandas, a falta de equipamentos, a desvalorização profissional e a sobrecarga de trabalho, desrespeitando, inclusive, a escala de folgas.

[...] quando tu acha que ‘tá’ de folga, os caras te põe trabalhar; não tem escala fixa [...]. (E2)

Falta de recursos como fardas, veículos em condições inadequadas, cursos de formação insuficientes e elevada exposição a riscos, seja no período do trabalho ou nos horários de folga, junto com salários deficientes e escalas ‘apertadas’ com poucas folgas, foram citadas, num estudo realizado no Rio de Janeiro, como fatores de insatisfação desses profissionais⁽¹⁰⁾. Dentre as características ocupacionais, demonstradas num estudo epidemiológico, foi apontada a carga excessiva de trabalho. Cerca de quatro em cada dez trabalhadores manifestaram que não possuem sequer um dia de folga semanal⁽¹¹⁾.

As relações com a supervisão, para grande parte dos sujeitos, também são consideradas insatisfatórias. Os sujeitos associaram a hierarquia imposta, pela natureza do trabalho, como um obstáculo.

Nem tão boa, porque na maioria das vezes a gente não tem tanta afinidade, tanta aproximação com o

comando; é mais uma questão de hierarquia e disciplina. (E4)

Os soldados estão continuamente sob a vigilância disciplinar e fiscalização do trabalho. Um bom relacionamento com o superior passa a ser muito importante na garantia do reconhecimento institucional, e o tipo de reconhecimento em relação às contribuições ao trabalho que parece ser mais significativo para os capitães, hierarquicamente superior aos soldados, é aquele advindo dos pares e dos subordinados, “que não passa por processos formais de avaliação, mas, sim, por sua expressão no cotidiano de trabalho”^(2:369).

Embora a incompreensão em algumas situações, a relação com a comunidade foi citada pelos sujeitos como satisfatórias.

Geralmente é boa, mas existem fatos que também existe alguma truculência, por que existem pessoas que não compreendem alguma demora nas ocorrências, que às vezes acontece de não ter viatura disponível, daí acontece realmente a demora, devido à falta de efetivo, também, por isso que demora, então, muitas vezes o pessoal não entende [...]. (E1)

A opinião pública negativa faz parte do ônus do trabalho policial, sendo que o conceito negativo emitido sobre os policiais, pelas várias camadas sociais, está entranhado na cultura. Essa legítima e naturaliza a violência que os vitima muito mais do que a qualquer outro trabalhador.

Neste estudo, todos os sujeitos referenciaram o reconhecimento do trabalho bem feito, manifestado pelo retorno positivo da comunidade, alcançado pela solidariedade e segurança demonstrada e desempenhada no cotidiano de trabalho, como a maior satisfação da atividade.

A realização do serviço bem cumprido, o agradecimento das pessoas pelas quais prestamos nossos serviços [é uma satisfação]. [...]. (E6)

Satisfeito é poder ver uma pessoa feliz depois de um atendimento, de uma ocorrência de uma mãe que pode muitas vezes estar com problemas de um filho dependente; alguma coisa, uma orientação uma ajuda nossa nessa parte, isso que me incentiva. [...]. (E 4)

Satisfação em poder ajudar o próximo, em trabalhar com pessoas, pela gratificação da

comunidade pelo trabalho prestado também foram sentimentos extraídos de depoimentos de uma categoria de profissional militar num estudo realizado no interior do Rio Grande do Sul⁽¹²⁾. O reconhecimento do trabalho, elencado à autonomia e à subjetividade, é fundamental para que os riscos e estresse gerados no trabalho possam ser subvertidos e transformados em prazer⁽²⁾. Apesar da exposição aos riscos e do estresse gerado, há dedicação e afeição ao trabalho exercido.

Um estudo assinalou que policiais militares jovens, com menos tempo na corporação e que desenvolvem atividades ostensivas, gostam do enfrentamento, reportando-se a essas atividades com entusiasmo, e que, se lhes fosse dada a oportunidade de escolher novamente a profissão, mais de 70% a escolheriam novamente. Para alguns, até o estresse é revelado como uma forma positiva e fonte de excitação para a realização do trabalho⁽³⁾.

RISCOS OCUPACIONAIS E ADOECIMENTO NA ATIVIDADE DO POLICIAL MILITAR

Todos os sujeitos percebem os riscos da sua atividade e citaram a violência física e/ou exposição à perda da integridade física, a transmissão de doenças pelo contato com sangue e fluidos e os acidentes como sendo as maiores exposições, configurando riscos psicossociais, biológicos e de acidentes.

[...] O risco de levar um tiro e também tem o risco de pegar uma doença, pois muitas vezes entramos em contato com o sangue; riscos psicológicos, risco de às vezes bater alguma viatura devido a gente andar com uma velocidade maior que a permitida em perseguições [...]. (E1)

[...] Risco de pegar doenças contagiosas em ocorrências, acidentes, de ficar paraplégico, risco de morte, risco de ir para o trabalho e não voltar mais para casa ver minha família [...]. (E4)

Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde⁽¹³⁾, os riscos ocupacionais são classificados em: físicos, decorrentes de agentes como ruído, temperaturas extremas (frio e calor), entre outros; químicos, por contato com substâncias químicas; biológicos, associados a microrganismos; ergonômicos e psicossociais decorrentes da postura, equipamentos e

organização do trabalho deficientes, e mecânicos e de acidentes, ligados à falta de proteção do trabalhador.

De acordo com o estudo⁽¹⁾, dentre 4.518 policiais mortos e feridos, 56,1% foram vitimados durante as folgas contra 43,9%, em serviço. A ocorrência de acidentes e de violência em suas folgas também merece atenção, pois elevado percentual de policiais tem um segundo emprego na área de segurança privada, continuando, dessa forma, a exposição ao risco, seja na atividade na corporação ou fora dela.

Assim sendo, por conta dessa ocupação, muitas vezes esses trabalhadores se envolvem em situações de conflito nos horários de folga do serviço público. Grande parte dos sujeitos enfatizou a iminência dos riscos gerados pela violência social e a arma de fogo como o principal artefato capaz de lhe causar dano.

É importante salientar, nesta discussão, que tais circunstâncias de trabalho podem gerar estresse ao trabalhador, um risco psicossocial. A disponibilidade permanente demandada pelas responsabilidades dos cargos de supervisão, em especial as relativas à execução do policiamento nas subáreas que estão sob seus comandos, e a elevada carga de trabalho e de atribuições, são fatores que tornam a profissão desgastante⁽²⁾.

Ah! o fator de estresse é inúmero, há muitas situações que tu vai do zero ao cem em questões de segundos, por que em uma tu 'tá' atendendo uma ocorrência de briga de marido e mulher e nas outras tu 'tá' levando tiro [...]. (E4)

Eu considero fator de estresse, algumas determinadas situações de risco que acabam nos causando estresse, tipo quando entramos em confronto com bandidos, tiroteio, essas coisas aí; pressão, muitas vezes, do superior, estresse físico devido a jornada excessiva de trabalho [...]. (E1)

Ambiente de trabalho perigoso, situações de risco em conflitos com criminosos, opressões depositadas pela classe superior, distância da família, recursos insuficientes e/ou deficientes condições de trabalho favorecem o desgaste emocional do trabalhador que, se não resolvidos, transformam-se em sofrimento psíquico e adoecimento, tais como estresse. A rotina familiar pode ser afetada por essas dificuldades, e toda essa configuração pode levar esses profissionais a assumirem atitudes irracionais em momentos de tensão na tomada de decisões,

além de que o cansaço físico e emocional pode acarretar episódios de lapsos de memória e falta de concentração⁽¹⁴⁾, potencializando os riscos de acidentes de trabalho. Nesta pesquisa mais de um terço referiu que já sofreu acidentes de trabalho.

Outros motivos foram invocados como condições inseguras de trabalho e facilitadoras do risco de acidentes, tais como os coletes por eles usados, que não os protegem contra tiros, devido ao fato de estarem vencidos, além de viaturas em condições precárias, falta de equipamentos mais específicos de segurança que protejam outros segmentos corporais.

Olha, a segurança é mínima né, por que nossos materiais geralmente estão vencidos, os coletes, por exemplo, o armamento. [...] A manutenção não é confiável, viatura que já passou do prazo de validade de uso, já está bem judiada [...]. (E3)

A falta de EPI. Fora o colete; deveria ser disponibilizado para o policiamento para certas ocorrências, o uso de capacete balístico, escudo balístico, as viaturas deveriam ser mais reforçadas. (E5)

A maioria dos sujeitos referiu já ter adoecido em decorrência do trabalho, atribuído à excessiva jornada de trabalho e acidentes em perseguições e confrontos. A excessiva carga de trabalho foi associada à ocorrência recorrente de resfriados e gripes, provavelmente pelo enfraquecimento do sistema imunológico em decorrência do estresse.

É fácil pegar gripe porque nós estamos sempre sujeitos a ter de enfrentar, em qualquer hora, fora de hora, se é frio ou se é quente um confronto que está ocorrendo naquela hora...isso é a qualquer hora e tempo. (E11)

Muitos acidentes já aconteceram em perseguições. Eu mesmo já tive afastado por causa de acidente de trânsito enquanto trabalhava.(E9)

Não era intenção de o estudo avaliar a prevalência de acidentes; os resultados foram extraídos da análise das falas dos sujeitos. A jornada de trabalho exaustiva, juntamente com o estresse gerado na execução das atividades, pode causar cansaço físico e emocional, contribuindo para a maior ocorrência de acidentes ou outros agravos à saúde. As doenças osteomusculares, as intervenções neurocirúrgicas, as enfermidades

cardiovasculares e as demandas da clínica geral foram citadas por um grupo de trabalhadores da polícia como os motivos mais frequentes de afastamentos por licença saúde⁽³⁾, situação que resulta em déficit para a organização e sobrecarga para quem permanece trabalhando.

Num estudo realizado no Rio de Janeiro, que teve como objetivo descrever os fatores de risco relacionados à Hipertensão Arterial Sistêmica, referidos pelos profissionais militares da área da saúde, o estresse foi o fator de risco prevalente, decorrente do estilo de vida dos profissionais, seguido de sedentarismo e má alimentação⁽¹⁵⁾. Em nosso estudo, o estresse também foi referido e os sujeitos buscam meios de enfrentamento por meio do desligamento do trabalho nos momentos de folga e, após os turnos, buscando lazer e aperfeiçoamento.

Tento me desligar caminhando numa praça perto de casa ou saindo com a minha família...vou na casa dos parentes, evito falar do trabalho. (E2)

Ah! eu leio, caminho, corro...Não é tão fácil desligar porque tem dias que é muita adrenalina, muito estresse, mas tem que praticar alguma coisa para descansar, senão não dá. (E9)

A PREVENÇÃO DE AGRAVOS E A PROMOÇÃO DA SAÚDE

Quanto à prevenção de agravos, um policial referiu que a imunização é o meio usado por ele para a prevenção de doenças pelo contato com sangue, e outros aludiram cuidados que envolvem atenção e destreza nas ações como meios de prevenção de agravos, embora tenham o risco de doenças e acidentes de trabalho. Porém, a maioria referiu usar Equipamentos de Proteção Individual (EPI) para a prevenção de agravos e proteção à sua saúde e cita colete balístico, revólver, pistola, bastão e eventualmente luvas cirúrgicas, considerando que são amplamente disponibilizados pela instituição. De acordo com a Norma Regulamentadora n.6, a empresa é obrigada a fornecer aos empregados os EPI adequados ao risco, e aos empregados cabe usá-los⁽¹⁶⁾.

Tem que usar os equipamentos de proteção como luvas em casos de pessoas feridas, coletes em caso de tiroteio com as pessoas, cuidar bem da sua

arma para não atingir acidentalmente algum colega ou a si mesmo [...]. (E7)

No que diz respeito ao conhecimento de atividades de educação com vistas à prevenção de acidentes, 50% desconhecem essas práticas. Para os outros 50%, há controvérsia sobre essas ações e sua periodicidade. É de grande relevância salientar que ações de educação em saúde realizadas periodicamente podem contribuir para a diminuição dos riscos ocupacionais. Discutir e compreender sobre condições e ações inseguras, estimulando a atenção, favorece o desenvolvimento do trabalho seguro.

A educação é uma estratégia fundamental para a prevenção de agravos e promoção da saúde. Vale ressaltar que dos sujeitos pesquisados diante da pergunta “você está preparado para prestar os primeiros socorros”, 75% relatam que não. A maioria das falas se reporta à precariedade do ‘treinamento’ no curso básico como causa principal, dado que preocupa, considerando a exposição, não só a danos causados por violência física e preditivos de lesões, mas também à exposição a agentes biológicos decorrentes do contato ao sangue e fluidos.

Preparado, preparado não, só alguma noção, pouca coisa, mas se for alguma coisa séria assim, que for necessário eu acho complicado, por que a instrução foi muito pouca[...]. (E3)

Embora o curso básico seja deficiente, o grupo pode se beneficiar em educação permanente, estratégia fundamental às transformações do trabalho e lugar de atuação crítica, reflexiva, propositiva, compromissada e tecnicamente competente. Destarte, há necessidade de descentralizar e disseminar a capacidade pedagógica do setor. A educação dialógica, na qual a interação entre diferentes sujeitos representa um espaço para ensinar e aprender⁽¹⁷⁾, pode ser necessária.

A formação do policial deve prepará-lo para interagir com o meio no qual foi recrutado. Para tanto, é imperativo adequá-la às atribuições, situações e ações inerentes ao serviço policial, tais como “crimes em andamento, brigas domésticas, crianças perdidas, acidentes de automóvel, pessoas suspeitas, supostos arrombamentos, distúrbios públicos e mortes não naturais”^(6:5), conflitos sociais que demandam

traumas e requerem saberes relativos à preservação da vida.

Sendo assim, é oportuna a reflexão sobre a importância de educação qualificada nos Cursos Básicos de Formação dos Policiais Militares devido à referida atividade estar diretamente relacionada com pessoas em situações de fragilidade e violência. A interdisciplinaridade pode contribuir para a busca da excelência na formação, considerando que a integração dos vários saberes e fazeres pode promover novas relações entre os campos do conhecimento, levando interação e estreitamento das relações entre os profissionais e favorecendo o avanço do conhecimento. Além disso, no encontro com os diversos saberes, incluindo-se o da(o) enfermeira(o), há maiores alternativas para a construção de estratégias para a resolução de problemas individuais e coletivos, além de que o trabalho interdisciplinar favorece a valorização das relações entre as pessoas⁽¹⁸⁾.

Por conta de sua formação, enfermeiras(os) podem envolver-se com as ações de educação permanente em saúde a esses trabalhadores de modo a favorecer-lhes a criação e a manutenção de ambiências mais saudáveis e seguras. Ações pedagógicas com vistas à prevenção de agravos e promoção da saúde dos policiais civis podem ser incorporadas ao cotidiano desses trabalhadores por enfermeiras(os) do trabalho.

Diante dos dados expostos, apreende-se que a enfermagem precisa investir em pesquisas que ampliem seu olhar sobre o ser-saber-fazer e que avancem em novas probabilidades da ação do cuidado e em todos os cenários sociais, incluindo o trabalho, nas suas mais diversificadas atividades. Embora crescendo, mas ainda incipiente, é preciso avançar no fortalecimento de uma enfermagem que vislumbre o processo de viver no mundo, seus novos significados e interpretações, com vistas à legitimação do seu espaço na contemporaneidade, visando contribuir para a integralidade do cuidado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados aqui expostos, pode-se inferir que a atividade do policial militar é permeada por inúmeros riscos ocupacionais que podem gerar agravos à saúde desse trabalhador. Foram identificados como principais riscos da

atividade a violência física, a transmissão de doenças pelo contato com sangue e os acidentes.

Além disso, foi possível perceber algum desgaste emocional no trabalhador, ocasionado pela natureza do trabalho militar, pelas circunstâncias de perigo e pelas condições de trabalho, o que gera adoecimentos. As más condições de trabalho foram destacadas por todos os sujeitos pesquisados, amenizadas pela busca ao lazer.

Sugerem-se estudos que discutam formas de prevenção dos agravos a essa categoria, de modo a conferir à atividade mais saúde e segurança, bem como um estudo sobre a natureza do trabalho policial feminino, cujos estudos podem revelar importantes e valiosas informações acerca de fenômenos que envolvam os preconceitos e a ‘masculinização’ imposta sobre algumas atividades.

LIVING IN THE MIDST OF SECURITY AND RISK: IMPLICATIONS ON MILITARY POLICE OFFICERS' HEALTH

ABSTRACT

This is a descriptive and exploratory study conducted in the first half of 2012 with 12 military police officers from a Military Police Brigade in a capital of southern Brazil, which aimed to investigate occupational hazards from the point of view of workers. Data was collected through interviews and analyzed by means of thematic analysis. The study complied with Resolution 466/12 of the National Health Council. Physical violence, disease transmission by contact with blood, and accidents were the main risks identified. Most of the participants reported wearing personal protective equipment to protect their health. The subjects perceive that their job interferes negatively with their personal life, and greater satisfaction with the activity involves the community's acknowledgement for the services provided. Co-management of everyday problems and ongoing health education can be protagonism alternatives that may contribute to prevention of diseases and promotion of military police officers' health.

Keywords: Police. Working Conditions. Occupational Health. Occupational Hazards.

VIVIENDO ENTRE LA SEGURIDAD Y EL RIESGO: IMPLICACIONES A LA SALUD DEL POLICÍA MILITAR

RESUMEN

Se trata de un estudio descriptivo y exploratorio, realizado en el primer semestre de 2012, con 12 policías militares de un Batallón de Policía Militar de una capital de la región sur brasileña que tuvo como objetivo investigar los riesgos ocupacionales, desde el punto de vista de los trabajadores. Los datos fueron recolectados mediante entrevistas y analizados por medio del análisis temático. La investigación respetó la Resolución 466/12 del Consejo Nacional de Salud. La violencia física, la transmisión de enfermedades por el contacto con sangre y los accidentes fueron los principales riesgos identificados. La mayoría refirió usar Equipos de Protección Individual para la protección a la salud. La mayor satisfacción de la actividad involucra el reconocimiento de la comunidad por el servicio prestado. Cogestión de los problemas cotidianos y educación permanente en salud pueden ser alternativas de protagonismo que pueden contribuir para la prevención de agravios y promoción de la salud de los policías militares.

Palabras clave: Policía. Condiciones de Trabajo. Salud del Trabajador. Riesgos Ocupacionales.

REFERÊNCIAS

1. Andrade ER, Sousa ER, Mynaio ECS. Intervenção visando a autoestima e qualidade de vida dos policiais civis do Rio de Janeiro. *Ciênc Saúde Colet*. 2009; 14(1):275-85.
2. Spode CB, Merlo ARC. Trabalho policial e saúde mental: uma pesquisa junto aos capitães da polícia militar. *Psicol. Reflex. Crit*. 2006; 19(3):362-70.
3. Minayo MCS, Assis SG, Oliveira RVC. Impacto das atividades profissionais na saúde física e mental dos policiais civis e militares do Rio de Janeiro. *Ciênc Saúde Colet*. 2011;16(4): 2109-209.
4. Rajaratnam SM, Barger LK, Lockley SW, Shea SA, Wang W, Landrigan CP et al. Harvard Work Hours, Health and Safety Group. Sleep disorders, health, and safety in police officers. *JAMA*. 2011; 306(23):2567-78.
5. Austin-Ketch TL, Violanti J, Fekedulegn D, Andrew ME, Burchfield CM, Hartley TA. Addictions and the Criminal Justice System, What Happens on the Other Side? Post-traumatic Stress Symptoms and Cortisol Measures in a Police Cohort. *J Addict Nurs*. 2012; 23(1):22-9.
6. Pereira BM. O desafio da formação do policial militar do Estado do Rio de Janeiro: entre o modelo reativo e o contingencial. *Administración y Desarrollo*. 2010; 38(52):71-96.
7. Cappelle MCA, Melo MCOL. Mulheres policiais, relações de poder e de gênero na polícia militar de Minas Gerais. *RAM, Rev. Adm. Mackenzie (Online)* [citado 2012 jun 2]; 2010; 11(3):71-99 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-697120100003000006&lng=en&nrm=isso
8. Soares JFS, Vaz MRC, Almeida TL, Baisch ALM, Soares MCF, Costa VZ. Percepção dos trabalhadores

avulsos sobre os riscos ocupacionais no porto do Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2008; 24(6):1251-59.

9. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 6. ed. São Paulo: Hucitec; 2008.

10. Pessanha, JHS. Um fardo peculiar de agentes de segurança pública. *Serviço Soc & Real* 2009; 18(2):279-305.

11. Ferreira DKS, Bonfim C, Silva ALG. Fatores associados ao estilo de vida de policiais militares. *Ciênc Saúde Colet*. 2011; 16(8):3403-12.

12. Nunes DA, Fontana RT. Condições de trabalho e fatores de risco da atividade realizada pelo bombeiro. *Cienc cuid saúde*. 2012, out./dez.; 11(4):721-729.

13. Dias EC, organizador. Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil. Brasília(DF): MSI; 2001.

14. Oliveira KL, Santos LM. Percepção da saúde mental em policiais militares da força tática e de rua. *Sociologias* 2010; 12(25):224-50.

15. Soares RS, Silva JLL, Lopes MR, Moreno RF, Almeida JHA, Souza VR. Estresse e demais fatores de risco para hipertensão arterial entre profissionais militares da área de enfermagem. *R pesq cuid fundam*. [online]. 2012; supl:45-8

16. Ministério do Trabalho e Emprego (BR). Norma Regulamentadora n. 6. Equipamento de Proteção Individual. [citado 2012 jan 4]. Disponível em: http://portal.mte.gov.br/seg_sau/norma-regulamentadora-n-6.htm

17. Amestoy SC, Milbrath VM, Cestari ME, Thofehrn MB. Educação permanente e sua inserção no trabalho da enfermagem. *Cienc cuid saúde*. 2008; 7(1):83-8

18. Schneider JF, Souza JP, Nasi C, Camatta MW, Machineski GG. Concepção de uma equipe de saúde mental sobre interdisciplinaridade. *Rev Gaúch Enferm*. 2009; 30(3):397-405.

Endereço para correspondência: Rosane Teresinha Fontana. Rua Quinze de Novembro, 3332 CEP 98.800.000, Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: rfontana@urisan.tcche.br

Data de recebimento: 14/07/2015

Data de aprovação: 09/12/2015